

A EVOLUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA

É sem dúvida a historiografia o mais claro índice das características de cada etapa histórica. É na maneira como os homens de cada época interpretaram os actos dos seus contemporâneos e os expressaram, na forma como compreenderam os das gerações que os precederam, e na atenção que lhes prestaram, que nós poderemos procurar o mais seguro testemunho da estrutura intelectual dessas épocas, do seu «clima» mental. Porque, ao fazer a história do seu tempo, ou ao comentar a dos tempos passados, cada historiador expressa não somente a sua concepção individual dos factos, mas muito, e principalmente, o modo como na sua época êsses factos eram encarados, o juízo que deles faziam os homens seus contemporâneos, embora êstes o tivessem feito imperfeita e fragmentariamente. Se o historiador, como intelectual, é uma figura de destaque no seu tempo, será forçosamente um influenciado, e também um influenciador. Influenciado, porque sente profundamente o mundo em que vive: influenciador, porque o revela aos outros. E assim, o historiador como figura representativa de determinado período, é o homem que vem revelar aos outros homens uma imagem latente do mundo em que vivem, ou do mundo em que os seus avós viveram, e vinca e dá corpo aos seus traços fundamentais. — Sempre as figuras mais representativas de cada época foram aquelas que souberam sintetizar em si, pelo pensamento ou pela acção, o «rumo» tomado pela evolução da sociedade no seu tempo: os timoneiros que souberam apontar aos outros a rota que êles tinham de tomar, para atingir o porto que procuravam.

Sem compreender o passado, não se saberá construir o futuro. Quando se diz que a história é a mestra da vida, quere-se com isso significar que o estudo da evolução de uma nacionalidade é fundamental para a boa compreensão do presente, e sólido alicercamento do futuro. O grande historiador, o que influencia os acontecimentos do seu tempo, é sempre o homem que determinada

concepção ideológica norteia; e é essa concepção a espinha dorsal que torna vertebrado o seu critério de análise histórica: é por ela, e através dela, que a sua obra toma um significado social na evolução da nacionalidade (bem entendido, não nos referimos aqui ás obras de pura erudição). Assim, a *História de Portugal* de Herculano é um padrão das liberdades populares da meia-idade e das concepções políticas do liberalismo, da mesma forma que a de Oliveira Martins o é na crítica impiedosa a todos os mitos salvadores, sejam êles filhos do autoritarismo dos miguelistas, ou da liberdade saída de 1820, e isto porque profundamente descrevia no futuro político da classe detentora do Poder.

A historiografia de cada época tomará as cambiantes que forem mais características dessa época. Será confiante e progressiva nos períodos construtivos e progressivos: epopeica, quando das grandes e aventurezas realizações; taciturna e desesperada nos períodos de abastardamento moral e de decadência.

Assim, ao tentarmos compreender cada época histórica, teremos de ver em primeiro lugar como nessa época os homens compreenderam a vida e souberam interpretar o «rumo» que a evolução social imprimiu ao seu tempo, que o mesmo é dizer: como fizeram a história.

Disse não nos recorda quem, que cada época tem os historiadores que merece; e nesta asserção se encontra sintetizado muito do que afirmamos. Taine queria que os génios literários fôssem um produto do momento histórico, do meio e da raça; aceitando êste princípio, o historiador, como escritor, nada mais será pois, do que um espelho onde veremos a imagem subjectivada do seu tempo, de que êle, afinal, nada mais é do que uma resultante.

Mas, melhor do que largas considerações, o exemplo da evolução da nossa historiografia elucidará sobre o que pretendemos demonstrar nas afirmações precedentes.